

GILBERTO FREYRE E OS ORIENTALISMOS

GILBERTO FREYRE AND ORIENTALISMS

Resumen

En 1951-52, el sociólogo brasileño Gilberto Freyre viaja por “tierras portuguesas” entre Europa, África y Asia. El viaje se tradujo en varios escritos, abordando un conjunto de problemas surgidos de la observación de los caminos abiertos por la circulación de hombres y productos por vastos territorios entre África y Oriente, que desembarcaron en las costas de América portuguesa. Durante el viaje, buscó valores orientales absorbidos por portugueses e incorporados a la cultura brasileña.

Palabras clave

Brasil, Gilberto Freyre, Lusotropicalismo, Orientalismos, Tropicalidad.

Cássio Fernandes

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Licenciado Ciencias Sociales/UFF, especialista en Teoría de la Literatura/UERJ, Máster y Doctorado en Historia Social Unicamp-Università degli Studi di Pisa, Italia. Profesor del Departamento y Programa de Postgrado de Historia del Arte/Universidade Federal de São Paulo. Traductor y organizador de *Burckhardt Retrato en la pintura italiana del Renacimiento* y *Warburg, La presencia de lo antiguo. Escritos inéditos*. Editor de *Imagem: Revista de História da Arte*.

ISSN 2254-7037

Fecha de recepción: 24/II/2024
Fecha de revisión: 24/III/2024
Fecha de aceptación: 25/III/2024
Fecha de publicación: 30/X/2024

Abstract

In 1951-52, the Brazilian sociologist Gilberto Freyre traveled through “Portuguese lands” between Europe, Africa and Asia. The trip was translated into several writings, addressing a set of problems arising from the observation of the routes created by the movement of people and goods through vast territories between Africa and the East, which landed on the coasts of Portuguese America. During the trip, he looked for Orientalist influences incorporated by the Portuguese and integrated into Brazilian culture.

Key words

Brazil, Gilberto Freyre, Lusotropicalism, Orientalisms, Tropicality.

Código ORCID: 0000-0002-4159-4824

DOI: <http://dx.doi.org/10.30827/quiroga.v0i23.0007>

GILBERTO FREYRE E OS ORIENTALISMOS

*Sinto-me agradavelmente irmão
desses hindus, como qualquer
brasileiro, lusotropicalis.*
(Gilberto Freyre)

Entre agosto de 1951 e fevereiro de 1952, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987) viaja por terras portuguesas ou anteriormente pertencentes a Portugal nos continentes europeu, africano e asiático. A viagem, realizada a convite do Ministro de Ultramar de Portugal, Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, rendera a Freyre uma série de críticas e acusações de ligação com a ditadura de António de Oliveira Salazar, com quem o sociólogo tem um longo encontro em Lisboa no período inicial da excursão. Mas a viagem resultou notadamente num conjunto de escritos¹ que Freyre publicaria um ano depois (1953) nos livros *Aventura e rotina*² e *Um brasileiro em terras portuguesas*³. Coincidem também com o contexto da excursão os acréscimos que ele fez à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*⁴, cuja publicação original é do ano de 1936. A segunda edição, de 1951, apresentou a adição de cinco capítulos, entre os quais aquele intitulado “O Oriente e o Ocidente”⁵.

Sobrados e Mucambos é o segundo tomo de uma coletânea, não finalizada, que o autor intitulou, a partir de 1946, *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Essa coletânea, que compôs o eixo central da obra de Gilberto Freyre, constituiu-se dos seguintes volumes: *Casa-Grande e Senzala* (editada originalmente em 1933)⁶; *Sobrados e Mucambos* (1936)⁷; *Ordem e Progresso* (1959)⁸, e *Jazigos e covas rasas* (que foi rascunhado em manuscrito e perdido pelo autor ainda em vida). Portanto, os capítulos elaborados como acréscimo ao volume 2 da série, editado em 1951, foram escritos quando o seu autor já havia idealizado o projeto de interpretação da história da sociedade brasileira nos quatro tomos mencionados.

Dessa excursão, empreendida a partir de Portugal em direção aos Orientes e às Áfricas, que teve a duração de cerca de 7 meses, surgiria a elaboração do conceito de “lusotropicalismo”. Conceito de matiz sociológico, a partir do qual Gilberto Freyre procurou compreender as afinidades de cultura e os elementos sociais comuns, construídos por uma circulação humana entre o Atlântico e o Índico, que envolveu a Península Ibérica, as costas ocidentais da África, as cos-

tas do Índico que abrangem o litoral da África oriental (e suas relações com o sul da Península Arábica), assim como as Índias, os domínios lusófonos na China, e, é claro, a América Portuguesa. Tudo isso, somado às semelhanças de meio físico, compartilhadas pelos vastos territórios desse imenso Sul, amalgamado pela presença portuguesa e suas condições de adaptação aos trópicos⁹. Freyre mantém em direção a esse universo variado uma postura metodologia de caráter interdisciplinar, que se assenta sobre uma base antropológico-cultural, para avançar no terreno da sociologia e naquele para o qual convergem as lentes da história econômica, da história social, tangenciando, em determinados pontos, o campo histórico-artístico.

Partindo dessa perspectiva interdisciplinar, Freyre concebe o conceito de Oriente, no entanto, no âmbito das discussões no campo da Antropologia Cultural da primeira metade do século XX. Seu conceito de Oriente é elaborado, na chave dos pares de opostos em voga no conhecimento antropológico da época, em contraste com a noção de Ocidente. Portanto, “Oriente” é concebido pelo sociólogo brasileiro em oposição à unidade cultural formada pela Europa e sua expansão para a América do Norte. De modo que “Oriente” engloba um espaço geográfico formado pelo continente africano, pelas terras do Islã (o Oriente Médio) e pelo extremo Oriente, este último amalgamado pelos territórios que convergem para o Oceano Índico e o Pacífico oriental. Ou seja, “Oriente” para Freyre é um conceito sustentado, sobretudo, em oposição a Europa e América anglófila.

Porém, o que move Gilberto Freyre em direção a esta vasta geografia (portanto, o motor da viagem por ele empreendida em 1951-52) é o interesse na interpretação da cultura brasileira. Ele persegue a identificação dos valores culturais absorvidos pelos portugueses no contato com as Áfricas e os Orientes e incorporados à cultura brasileira. Freyre defende a noção de que tenha

havido uma simbiose cultural no contato de Portugal com os territórios colonizados, produto de uma especial capacidade portuguesa de adaptação aos trópicos. Uma capacidade construída, segundo ele, pelas próprias características históricas de Portugal, cuja localização geográfica promoveu um contato a Ocidente e a Oriente. Segundo Freyre, no capítulo IX da 2.^a edição de *Sobrados e Mucambos*:

O primado ibérico da cultura nunca foi, no Brasil, exclusivamente, europeu, mas, em grande parte, impregnado de influências mouras, árabes, israelitas, maometanas. De influências do Oriente mescladas às do Ocidente. De sobrevivências sólidas do Oriente não de todo dissolvidas nas predominâncias do Ocidente sobre Portugal ou sobre a Ibéria. [...] No próprio Portugal, os traços orientais chegaram ao século XIX com uma vivacidade que talvez só fosse maior, na Europa inteira, na Turquia asiática ou na parte asiática da Rússia.¹⁰

A noção de Portugal como fronteira da Europa estava presente também no capítulo inicial do livro do historiador brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), *Raízes do Brasil*, que coincide o ano de publicação com aquele da 1.^a edição de *Sobrados e Mucambos*, ou seja, 1936. Composto nos anos seguintes a uma estadia de cerca de um ano e meio de seu autor em Berlim, onde seguira os seminários e conferências de um dos grandes nomes da historiografia alemã da primeira metade do século XX, Friedrich Meinecke, o livro *Raízes do Brasil* inaugurava a trajetória de um intelectual de visão poliédrica, de refinado estilo literário, de profundo interesse em compreender as peculiaridades da formação cultural brasileira e um dos homens mais atentos e conectados com as correntes de ideias e com as abordagens historiográficas nas matrizes do conhecimento humanístico. No primeiro capítulo de *Raízes do Brasil*, cujo título é exatamente “Fronteiras da Europa”, Buarque de Holanda afirma:

A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a

Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário¹¹.

Buarque de Holanda classifica o território entre os Pireneus e Gibraltar como uma “região indecisa entre a Europa e a África”¹². Gilberto Freyre, por seu turno, concentrando-se no caso exclusivamente português, avança na noção de uma circulação humana que se estende numa amplitude muito maior, utilizando-se de uma abordagem que considera os mais variados produtos e costumes.

Em 1951, na segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, no capítulo “O Oriente e o Ocidente”, Freyre retoma a discussão sobre Portugal como confluência de caminhos, ampliando a compreensão em direção às rotas orientais que conduziram os navegadores lusitanos aos litorais da Índia e da China. Freyre acrescenta também à discussão o aprendizado com aquele que considera o seu mais importante mestre durante os estudos no início dos anos 1920, na Universidade de Columbia, em Nova York: o antropólogo Franz Boas (1858-1942).

Já em 1933, no Prefácio à 1.^a edição de *Casa-Grande e Senzala*, Gilberto Freyre menciona o papel fundamental para sua formação do aprendizado com Boas:

O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão. Conheci-o nos meus primeiros dias em Colúmbia. [...] Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e as de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio¹³.

A referência a Franz Boas como seu principal mestre ficaria atestado em sua trajetória, até nos escritos da maturidade. Boas havia se tor-

nado Professor da Universidade de Columbia em 1899, onde dirigiu o Departamento de Antropologia, depois das experiências como curador do museu da *Smithsonian Institution* de Washington e se transferir, em 1896, para Nova Iorque, para assumir a curadoria das coleções etnográficas do *American Museum of Natural History*. O ano de 1896 é marcado também pela famosa conferência lida pelo antropólogo no encontro da *American Association for the Advancement of Science*, na cidade de Buffalo (estado de Nova York), palestra com a qual investe contra a chamada “escola antropológica evolucionista”, lançando as bases da antropologia cultural. O texto, intitulado “As limitações do método comparativo em antropologia”¹⁴, traz uma crítica à interpretação das sociedades pelos antropólogos que se valiam de uma estrutura compreensiva de caráter evolucionista¹⁵. Franz Boas refuta a noção de que as sociedades devam ser avaliadas a partir de valores e técnicas de caráter universal, num sistema comparativo de classificação e análise ancorado numa teoria evolucionista de compreensão antropológica. Essas teorias explicavam o “atraso” no desenvolvimento de determinadas sociedades através de causas mesológicas e raciais.

Contra a teoria evolucionista, Boas utiliza-se de uma linguagem nova, na qual os termos “cultura” e “etnia” adquirem centralidade. Para ele, os esforços da antropologia devem ser no sentido de mostrar que as leis gerais de estudo das sociedades perdem sua validade. Ele defende, ao contrário, como objetivo da investigação antropológica, a descoberta dos processos pelos quais as sociedades individualmente se desenvolveram. E isso só é possível, afirma, com “o estudo detalhado de costumes em sua relação com a cultura total da tribo que os pratica, em conexão com uma investigação de sua distribuição geográfica entre tribos vizinhas”¹⁶. Esse método, continua Franz Boas:

propicia-nos quase sempre determinar com considerável precisão as causas históricas que leva-

*ram à formação dos costumes em questão e os processos psicológicos que atuaram em seu desenvolvimento. Os resultados das investigações conduzidas por esse método podem ser tríplices. Eles podem revelar as condições ambientais que criaram e modificaram os elementos culturais; esclarecer fatores psicológicos que atuaram na configuração da cultura; ou nos mostrar os efeitos que as conexões históricas tiveram, sobre o desenvolvimento da cultura*¹⁷.

Ao utilizar o conceito de “cultura total” (*Gesamtkultur*), Franz Boas atribui ao termo “cultura” (*Kultur*) o sentido de totalidade (*Gesamtheit*), de unidade (*Einheit*), de individualidade histórica, que passa a ser o princípio e o fundamento da pesquisa antropológica. Assim, cada costume, cada artefato produzido por determinado povo só ganha sentido na investigação quando compreendido como fragmento de uma unidade psicológica coletiva, formada pela religiosidade e pelo conhecimento mítico, portanto, por certa visão de mundo. O arco, o vaso, a máscara, cada artefato; a dança, a organização de parentesco, a culinária: cada produto é parte de uma totalidade que não pode ser representada por valores universais, mas pela unidade indissolúvel, a qual Boas denomina “cultura total” (*Gesamtkultur*). Essa unidade só pode ser sondada através do que ele define como “método histórico”, ou seja, o estudo detido, individualizado, empírico de todas as práticas e todos os produtos de determinada cultura. Nesse sentido, o comparativismo entre as sociedades torna-se estéril para os propósitos da compreensão antropológica, pois cada cultura revela-se como um universo próprio, ainda que determinadas práticas ou produtos possam ser difundidos entre sociedades distintas¹⁸.

Quando Gilberto Freyre, em 1920, oriundo da Universidade de Baylor, inicia os estudos em Columbia e frequenta as aulas de Franz Boas, este último era já o autor de importantes obras no campo do conhecimento antropológico, tais como *The Mind of Primitive Man* (1911), no qual pode-se ler, no capítulo 9:

*Pode-se definir cultura como a totalidade das reações mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo para consigo mesmo. Também inclui os produtos destas atividades e sua função na vida dos grupos. A simples enumeração destes vários aspectos da vida não constitui, no entanto, a cultura. Ela é algo mais que isso, pois seus elementos não são independentes, têm uma estrutura*¹⁹.

Portanto, o campo intelectual da antropologia é demarcado por este elemento estrutural tomado a partir da totalidade das atividades mentais e físicas de determinado grupo social, que Boas define como “cultura”. É em torno desse campo que Gilberto Freyre examina os elementos que constituíram as marcas de permanência da sociedade brasileira, nos escritos que se relacionam diretamente com a viagem de 1951-52. Porém, ele traz para esta discussão o conjunto de problemas que surgem de uma observação direcionada aos caminhos, às rotas abertas pela circulação de homens e produtos nos vastos territórios entre Áfricas e Orientes, e que aportaram aos litorais da América Portuguesa. Freyre persegue os valores orientais absorvidos pelos portugueses e incorporados à cultura brasileira. Chama a atenção do estudioso as afinidades de cultura encontradas em espaços geográficos tão distantes como o Brasil e a Índia. Em meio a uma festa religiosa católica na cidade de Queula, em Goa, escreve: “Uma das mais agradáveis impressões que venho experimentando na Índia portuguesa é a de sentir-me próximo dessa gente como se, vindo de Bombaim, tivesse desembarcado não em Goa, mas no Maranhão”²⁰.

Em sua compreensão, Goa exerceu, nos séculos XVII e XVIII, um papel importante na relação do Brasil com as terras orientais, por ter sido o centro do monopólio da Coroa Portuguesa, coordenando o comércio do Oriente. De Goa partiam, com certa regularidade, naus portuguesas em direção ao Brasil, carregadas de espe-

ciarias, sedas e demais produtos orientais, para aportarem em zonas da América Portuguesa abastecidas pelos produtores de açúcar. Esse comércio aproximou, mais que exclusivamente Índia e Brasil, o Brasil a todo um caminho de onde Goa funcionava como eixo, ou seja, desde as terras lusófonas da China, através de Goa, atravessando os caminhos das costas africanas do Índico e do Atlântico. Caminhos esses que incluíam, nas palavras de Freyre, “[...] aspectos quase esquecidos do contato português com certas áreas mais remotas do Oriente: Ormuz, Malaca, Sião, diversos portos do Índico, Mares do Sul e Pacífico. Áreas que se conservaram durante longo tempo, como, aliás, a própria Macau, sob a dependência de Goa”²¹.

Homens e produtos formavam uma ponte entre mundos geograficamente distantes, aproximando-os, fundindo-os em determinados elementos, constituindo elos de cultura que são compreendidos por Gilberto Freyre como os orientalismos presentes na cultura desenvolvida em território brasileiro.

Para averiguar o resultado prático dessa circulação na vida brasileira, Freyre lança um olhar totalizante sobre as expressões humanas formadoras da cultura no Brasil. Ele sonda as infiltrações orientais nas formas da arquitetura como um todo, desde a noção estética geral até a forma e a funcionalidade da moradia, incluindo a decoração, a organização dos jardins e a utilização de plantas originárias dos Orientes. Considera, com atenção especial, elementos da cultura material, como vestuário e adereços. Detém-se no patrimônio imaterial, tais como as sutilezas de paladar, olfato e gesto. Examina costumes religiosos, noções de moralidade, para desenhar como moldura de sua análise a organização social geral, na qual o conceito de “sociedade patriarcal” é o elemento ordenador da visão de mundo. Tudo é perquirido na chave de compreensão dos traços orientais absorvidos e elaborados no universo cultural brasileiro.

As profundas afinidades produzidas por essas rotas marítimas trilhadas entre o Brasil e a Índia portuguesa foram examinadas a partir da noção de um amplo intercâmbio.

*O Brasil orientou-se mais do que Portugal em vários dos seus estilos de vida e até em algumas de suas técnicas senão de construção, de decoração de casas e de igrejas e de proteção de casas e pessoas contra excessos tropicais de luz, de calor e de sol. Varandas, esteiras chamadas da Índia, palanquins, palanques, chapéus-de-sol, leques, tecidos, plantas profiláticas como manjerição, telhas côncavas, alpendres de proteção das próprias igrejas às violências das chuvas, do sol, da luz, folhas e flores contra o mau-olhado e as chamadas malícias do ar – são alguns dos traços orientais, ainda visíveis na paisagem do Brasil*²².

Uma troca cultural que, na sensibilidade do olhar de Gilberto Freyre, apresentava-se até mesmo no universo mais sutil da gestualidade. Ele escreve:

*Entro numa velha igreja, das raras que se conservam inteiras na antiga capital do Oriente Português. Recebe-me um cônego: indiano alto, seco, barba de padre de Saint-Sulpice e que deve ter sido brâmane; mas cujo bramanismo a ‘Roma dos trópicos’ absorveu de tal modo que de asiático o homem só tem, talvez, a cor: seu próprio andar é o de cônego romano, seu sorriso o de um latino, seu nome, sua língua, com certeza seu latim, o nome, a língua, o latim de um português. O português foi, do alto das igrejas de Goa, o veículo de uma romanização ou latinização que se estendeu a vasto trecho da Ásia. Alcançou em Goa o seu máximo de intensidade, a ponto de mesmo hoje, o contato com a velha cidade em ruínas nos dar a impressão de estarmos dentro das muralhas de uma fortaleza de espírito cristão e de cultura latina*²³.

A própria natureza, na abordagem de Gilberto Freyre, é convertida à expressão cultural, produto agora não propriamente dos elementos naturais, mas do olhar humano. O azul dos mares de Goa, da Bahia, de Olinda é transmutado em imagem pictórica, como num quadro,

fixado no horizonte pela mão humana. Ouçamos suas palavras: “Segue-se à missa uma procissão. Repito os versos de Nobre: ‘Que é dos pintores do meu País estranho?’ Os roxos, vermelhos, amarelos litúrgicos contra um fundo verde de coqueiros e um azul do mar que me recordam procissões da Bahia e de Olinda”²⁴.

Gilberto Freyre defende a existência de um sistema de relações que envolveu, nos séculos XVII e XVIII, uma marcha em mão dupla dos Orientes, através dos litorais africanos, até a América portuguesa. Sistema este, que sua abordagem interdisciplinar, tecida por uma narrativa que em muitos aspectos ocorre lembrar o *Mediterrâneo* de Fernand Braudel²⁵, faz emergir a circulação humana formadora de uma unidade cultural de aspecto morfológico e dinâmico, sustentado, entretanto, por uma base dual: lusofonia e tropicalidade. Nessa abordagem, a noção de cultura surge como resultado das próprias relações estabelecidas no âmbito da circulação de produtos das mais diversas expressões do homem.

A noção de tropicalidade ganharia, nos anos seguintes, centralidade nas reflexões de Freyre, que chegou a anunciar a futura criação, no Recife, de um “Instituto de Tropicologia”, a ser integrado a um “novo Instituto de Antropologia Social e Cultural”. Ele menciona o projeto num texto intitulado “Arte e civilização moderna nos Trópicos: a contribuição portuguesa e a responsabilidade brasileira”, que integrou o livro *O Luso e o Trópico*²⁶. O projeto acabou sendo criado em 1966, na forma de Seminário, integrado à Universidade Federal de Pernambuco, onde funcionou por 14 anos, até ser transferido para a Fundação Joaquim Nabuco em 1980. Em 1987, o seminário ganha o *status* de Instituto de Tropicologia, funcionando em parceria entre as Fundações Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre. Trata-se de um campo temático, de caráter interdisciplinar, que estuda o homem situado no trópico a partir de suas mais variadas expressões culturais. Tudo é tratado do ponto de vista da

interface da sociologia da arte com a antropologia cultural, a cultura material e a história em suas variadas subáreas.

Freyre, de fato, atribui a suas investigações uma importância central ao elemento da visualidade. Com os olhos voltados para a cultura material na paisagem brasileira, ele observa um processo de “orientalização sistemática” ao longo dos séculos XVII e XVIII. Árvores e plantas do Oriente, trazidas para o Brasil pelo trânsito através das rotas do Sul, compõem a paisagem urbana, assim como os quintais e jardins brasileiros, com coqueiros, mangueiras, jaqueiras, frutas-pão, pimenta-da-índia, cravo, alcanforeira, etc. Da paisagem visual composta por elementos da cultura material, parte desses produtos atingem o universo do patrimônio imaterial, transmutando-se em cheiros e gostos, sabores que compuseram a mesa na vida cotidiana das receitas culinárias locais. Mesmo processo de orientalização que o sociólogo percebe ocorrer nos elementos arquitetônicos, como o uso da gelosia de madeira (também denominado muxarabi) nas janelas e portas das casas coloniais ou o costume dos jardins internos, fechados para o interior das residências, à maneira árabe, ou ainda o alpendre em frente ou ao redor das igrejas ou capelas.

Todos esses elementos, segundo a compreensão de Gilberto Freyre, concorriam para dar uma considerável substância oriental à cultura que se compôs em território brasileiro. Cada elemento, aparentemente fragmentário, ao ser observado em conjunto, formava um painel que se constituía desde a gestualidade até a organização da paisagem visual e se consolidava como estrutura elementar na vida brasileira: “o Oriente [afirma Freyre] concorreu para avivar as formas senhoris e servis dessa convivência entre nós”²⁷. Então, os modos hierárquicos da organização familiar no Brasil, assim como os modos de exploração da terra e dos bens em geral, em contato com a circulação a Oriente, concorreram para a for-

mação da sociedade patriarcal que marcou com um traço indelével a vida social brasileira.

Porém, todos esses elementos estavam, segundo ele, em acordo com o processo cultural pleno de valores interrelacionados, que formavam uma possível unidade no espaço tropical do Sul. Havia, então, uma integração das elaborações da sociedade com o espaço geográfico; uma, pode-se dizer, coerência entre espaço e sociedade, à qual, em sua interpretação, os portugueses souberam se adaptar. A capacidade portuguesa de adaptação ao trópico, abundantemente referida e louvada por Freyre em sua obra, teria sido o elemento possibilitador da formação do “conjunto simbiótico de natureza e cultura”²⁸ que formou a integração desse imenso Sul. Afinal, os portugueses, eles próprios, pelo primado ibérico de sua formação, estavam impregnados pela circulação cultural moura, árabe, judaica, maometana em geral. Eram, portanto, formados nas fronteiras entre Ocidente e Oriente, o que teria favorecido sua capacidade de adaptação ao trópico.

A noção de “tropicologia” em Gilberto Freyre envolve ainda o conceito de “ecologia”, usado a partir da década de 1950. Ele menciona o campo de investigação ao qual denomina “sociologia ecológica dos trópicos”, que busca compreender a relação entre aspectos sociais e culturais como elementos comuns às populações e áreas do complexo de civilização abarcado pela noção de unidade lusitana nos trópicos. Portanto, a ecologia é abarcada ao conceito de “lusotropicalismo”, que passa a ser utilizado para compreender os hábitos e produtos resultantes das rotas de circulação que integravam o Império português no Hemisfério Sul.

Porém, a integração lusotropical que aproximara regiões tão distantes do Sul, possibilitando um parentesco cultural chancelado ainda pela simbiose ecológica entre natureza e cultura, sofreria no século XIX, segundo Freyre, o processo

de ocidentalização. A europeização da cultura brasileira entraria em curso no Oitocentos, em grande medida, pela proeminência política e econômica assumida pela Inglaterra no Brasil. Dá-se, nesse processo, a busca pelo afastamento dos laços culturais com o Oriente, ao mesmo tempo em que são adotadas as “técnicas ocidentais de produção, de transporte, de urbanização, de iluminação, de pavimentação das estradas, de habitação, de conservação e preparação dos alimentos, de recreação, de saneamentos de ruas, de casas”, que levam o Brasil e uma “nova fase de vida moral e material”²⁹. Trata-se de um processo observado de modo extremamente negativo por Gilberto Freyre, visto que o que era imitado, assimilado, adotado do Oriente “representava uma já profunda e, às vezes, saudável adaptação ao trópico”³⁰. Ocorre, no século XIX, o processo no qual se almeja um distanciamento em relação à Ásia e à África. A aproximação ou a sobrevivência de traços culturais ligados a costumes ou produtos asiáticos e africanos passa a nos envergonhar diante da desejada ligação com a Europa.

Para Freyre, no entanto, teria sido conveniente ao Brasil a continuação do comércio com o Oriente:

Uma parte do mundo ao qual ele [o Brasil] se tornara ecológica e socialmente parente. Parente pelo clima e parente pelo sistema de organização patriarcal de economia e de convivência entre raças e classes. Até que a reeuropeização intensa da sociedade brasileira, a partir dos princípios do século XIX [...] tornou o Oriente remoto e vago para a mesma sociedade e para a sua cultura ainda em formação. Tão remoto e vago que valores orientais, outrora comuns entre nós, tornaram-se quase tão raros [...] como nos países de civilização mais acentuadamente ocidental da América³¹.

Freyre se compadece, então, com o processo em que o Ocidente foi se assenhoreando do Brasil como de uma semi-colônia. Mesmo a paisagem, marcada por formas e cores do Oriente, sofre

então a moda da europeização: nogueiras e morangos “enobrecem” a sobremesa; macieiras, pereiras, pinheiros “enriquecem” quintais e jardins; azeite de dendê e jasmims da terra passam a ter gosto e cheiro “bárbaros”.

Na abordagem investigativa de Gilberto Freyre, permanecia a ligação com a antropologia cultural de Franz Boas e sua crítica ao racismo e etnocentrismo da geração que o precedeu. Para Freyre, o europeísmo contrário aos orientalismos na cultura brasileira é paralelo às teorias sociais ligadas à noção de raça e aos determinismos que sustentaram o pensamento antropológico do século XIX. O processo pelo qual passa a sociedade brasileira do Oitocentos, que almeja o distanciamento cultural com a Ásia e a África, ao mesmo tempo em que deseja a aproximação com valores e costumes da Europa, é visto por Freyre como um paralelo ao pretendido abranqueamento presente na base das teorias raciais que marcaram o pensamento social no Brasil do século XIX. Ao se opor à ocidentalização da cultura brasileira como um movimento desejado pelo pensamento

do Oitocentos no Brasil, Freyre está combatendo o mesmo inimigo que moveu sua reflexão sobre a sociedade brasileira no começo do século XX. Ele se opõe ao racismo, que marca o pensamento social no Brasil do século XIX, armado com o arcabouço teórico construído pela antropologia cultural de Boas, à qual acrescenta a noção de circulação e de transferências assentado num vasto conjunto de expressões e produtos humanos, de caráter material e imaterial. Esses produtos e expressões são compreendidos, pela abordagem interdisciplinar proposta por Gilberto Freyre, como símbolos de encontros entre mundos distintos. Nesses encontros, os Homens são observados como produtos das fronteiras que marcam e caracterizam o próprio tecido da história.

Direcionando sua lente interpretativa para os resultados empíricos de uma circulação humana propiciada por rotas e caminhos que aproximaram regiões tão distantes no cenário global, Gilberto Freyre buscou, com base na noção de orientalismo, uma concepção de geografia humana que promovia um giro em direção ao Sul.

NOTAS

- ¹ Parte desses escritos foram reunidos pelo trabalho de organização de Edson Nery da Fonseca em: FREYRE, Gilberto. *China Tropical*. São Paulo: Global, 2011. Importante neste volume é o texto introdutório: CHACON, Vamireh. “Gilberto Freyre e o Oriente”. En: FREYRE, Gilberto. *China Tropical*, Op. cit., págs. 11-23.
- ² FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.
- ³ FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.
- ⁴ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- ⁵ CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. São Paulo: Cia Editorial Nacional e Massaranga, 1983.
- ⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.
- ⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Nacional, 1936.
- ⁸ FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.
- ⁹ Gilberto Freyre tinha tratado o tema em 1944, numa série de conferências ministradas na Universidade de Indiana (EUA), editadas posteriormente em inglês e em português: FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- ¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados...* Op. cit., págs. 739 e 741.
- ¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988, pág. 3.

- ¹² *Ibíd.*, pág. 4.
- ¹³ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1988, pág. 11.
- ¹⁴ BOAS, Franz. "As limitações do método comparativo em antropologia". Em: BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, págs. 25-39.
- ¹⁵ Ver: FERNANDES, Cássio. "Notas preliminares sobre Aby Warburg e a antropologia". Em: CHRISTO, M.C.V. e COSTA JR., M. A. da. *Diálogos sobre História, Cultura e Imagem. 10 anos do Laboratório de História da Arte*. Vol. 1. Juiz de Fora: Editora UFJF, Clíoedel, 2023, págs. 49-70.
- ¹⁶ BOAS, Franz. "As limitações do método comparativo em antropologia". Em: BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Op. cit., pág. 33.
- ¹⁷ *Ibíd.*, págs. 33-34.
- ¹⁸ Ver: FERNANDES, Cássio. "Notas preliminares...". Op. cit.
- ¹⁹ BOAS, Franz. *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, pág. 113.
- ²⁰ FREYRE, Gilberto. *Aventura...* Op. cit., pág. 347.
- ²¹ *Ibíd.*, págs. 343-344.
- ²² *Ibíd.*, pág. 345.
- ²³ *Ibíd.*, pág. 353.
- ²⁴ *Ibíd.*, pág. 354.
- ²⁵ BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le Monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1949.
- ²⁶ FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*. Lisboa, s/ed, 1961, págs. 201-202.
- ²⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados...* Op. cit., pág. 737.
- ²⁸ *Ibíd.*, pág. 738.
- ²⁹ *Ibíd.*, pág. 747.
- ³⁰ *Ibíd.*
- ³¹ *Ibíd.*, págs. 813-814.